

EDITORIAL

Ana Célia Navarro de Andrade¹

Natália Bolfarini Tognoli² 

¹ Doutorado e Mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora (convidada) da disciplina optativa "Introdução à Arquivologia" do curso de graduação em História da FFLCH/USP. Presidente da Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP), membro do Conselho Consultivo dos Congressos de Arquivologia do Mercosul (CAM) e representante da ARQ-SP no Grupo de Trabalho de Associações de Arquivistas de Ibero-América (GTAAI/ALA).

² Doutorado e Mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora adjunta no Departamento de Ciência da Informação e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenadora do PPGCI/UFF.



A publicação de uma revista científica, velho sonho da Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP), finalmente converteu-se em realidade. É com grata satisfação que submetemos aos leitores o número inaugural de OFFICINA, veículo por meio do qual pretendemos contribuir para o aprimoramento dos profissionais que atuam em arquivos e organismos congêneres.

O nome da revista evoca uma de nossas iniciativas mais importantes: o projeto "Como Fazer", criado em 1986 pelo extinto Núcleo Regional de São Paulo da Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB-SP). Concebido e coordenado por uma comissão composta por Ana Célia Navarro de Andrade, Maria Angélica de Campos Resende e pela saudosa e inesquecível Viviane Tessitore, o projeto compreendia uma série de oficinas cujos temas, abordados em profundidade por especialistas, mereceram tratamento simultaneamente teórico e prático. As oficinas e os manuais que as acompanhavam tornaram-se referência para a comunidade dos arquivistas brasileiros, além de marca distintiva da própria ARQ-SP, criada em outubro de 1998. Ao adotar a versão latina da palavra, a revista não apenas estabelece um diferencial em relação àquele projeto, mas acompanha a tradição de nossas outras publicações, todas com nomes latinos.

Com periodicidade semestral, OFFICINA estará aberta a artigos originais e inéditos resultantes de pesquisas e experiências, a traduções de textos clássicos e a manifestações críticas devidamente fundamentadas. Em seu número de estreia, no entanto, a revista elegeu como tema a Tipologia Documental - uma extensão da Diplomática em direção ao conhecimento da gênese do documento - e contou com autores convidados.

Um amplo leque de possibilidades (a correspondência, os recortes de jornais, os subprodutos de atividades administrativas, as insígnias) permite aquilarar os resultados positivos de uma abordagem tipológica dos documentos de arquivo.

A edição abre com o texto "*O entendimento da espécie e dos tipos documentais na teoria e na prática arquivísticas*", de autoria de Heloísa Liberalli Bellotto, marco teórico importante da Arquivologia brasileira, especificamente nas temáticas da identificação e da descrição em arquivos permanentes. O artigo explicita os conceitos de espécie e de



tipo documental, as condições em que se deve utilizá-los e sua contribuição para a construção da teoria arquivística. E evidencia, por fim, a relação simbiótica que a Arquivologia mantém com a Diplomática.

“A correspondência nos arquivos: uma proposta de tipologia”, de Ana Maria de Almeida Camargo, questiona o uso de termos genéricos nos instrumentos de pesquisa elaborados em arquivos públicos e privados, analisando as diferentes espécies que são associadas à correspondência. À guisa de sugestão, a autora apresenta um glossário de espécies e tipos documentais comumente utilizados nas trocas de mensagens entre pessoas e instituições brasileiras.

O texto “Por uma abordagem arquivística dos recortes de jornal”, de autoria de José Francisco Guelfi Campos, reforça o papel da Diplomática para o reconhecimento das espécies e dos tipos documentais que caracterizam os “recortes de jornal”, propondo a construção de uma metodologia para analisar, nomear e definir todo e qualquer material que, resultante da atividade jornalística, pode ser encontrado nos arquivos.

Finalizando a seção de artigos, o texto de Camilla Campoi de Sobral, “Considerações sobre os tipos documentais em gêneros não textuais”, aponta os estudos da Tipologia Documental como solução possível para a identificação de documentos não textuais, em especial em arquivos privados. A autora sublinha, nesse processo, a importância de uma abordagem contextual dos documentos, evidenciando o tempo e as circunstâncias de sua produção.

Esse número conta, ainda, com duas seções especiais: *Arquivo em Debate* e *Tradução*. A primeira traz o texto de Clarissa Schmidt e Paulo José Viana de Alencar, intitulado “O arquivo de José Pedro Pinto Esposel: vestígios de uma vida dedicada à Arquivologia”, que relata, de forma breve, a relação do arquivista, historiador e professor José Pedro Esposel com os arquivos e sua contribuição para a consolidação da Arquivologia brasileira. A seção Tradução traz o texto clássico de Antonia Heredia Herrera, “En torno al tipo documental”, no qual a autora discute os diferentes conceitos de tipo documental na bibliografia especializada, apresentando as diferenças metodológicas em torno do tipo documental. A tradução e as notas ficaram sob a responsabilidade de Sonia Maria Troitiño Rodriguez.



Se a revista OFFICINA corresponder às expectativas dos prezados leitores, como planejou nossa equipe editorial, seu empenho terá sido plenamente recompensado.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.

